



A distinta cantora M.^{me} Margarida Mornati Trindade (Cliché da Fotografia Londres)

II Série—N.º 424

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 6 de Abril de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Relação, administração, off. de composição e Impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1850 cent.

Semestre..... 2540 cent.

Ano..... 4850 cent.

Numero avulso. 10 cent.

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais fácil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.

Uma hernia curada Sem operação

Cura maravilhosa do Sr. Dr. Pimental, de 76 anos, com uma hernia de trinta annos

A vantagem da perfeição na cura das hernias por mais difíceis e mais antigas que sejam, sem a menor difficuldade, não causando ao paciente a mais pequena dor, nem perigo assim como sem perda de tempo nas occupações diarias, é alcançada pelo methodo do Dr. W. S. Rice (S. 987), 9, Stonecutter Street, Londres, E. C., Inglaterra. Com elle não ha precisão de laçeta e o tratamento é enviado directamente a casa dos pacientes, traz-ndo consigo immediato conforto, commodidade e alivio.

O Sr. Dr. A. C. Pimental, o qual esteve herniado durante 30 annos, e experimentou todas as fundas mais conhecidas, decidiu tratar-se pelo methodo de Rice apesar da sua avançada idade (75 annos) resultando curar-se agora por completo, não fazendo uso algum de apparelho. O sr. diz-me: «Estou perfeitamente curado da hernia, de que vinha soffrendo desde trinta annos, não fazendo uso algum da minha funda e a hernia nunca mais voltou a apparecer. Não me é possível encontrar a abertura da hernia e que prova que a cura está completa. Isto é verdadeiramente extraordinario e eu não encontro palavras com que possa exprimir a minha admiração por uma tão maravilhosa descoberta. Todos os fabricantes de fundas dizem que curam a hernia, mas eu que experimentei os mais conhecidos apparelhos de todas as parts do mundo sei perfeitamente que elles não curam. Estou convencido de que o unico meio digno de confiança para a cura da hernia sejam recent s ou antigas é o maravilhoso methodo de Rice. O Dr. Rice pode estar bem orgulhoso de si proprio e eu afirmo que elle é o unico especialista do mundo que conseguiu descobrir o meio de cerrar para sempre a abertura herniaria.» Que mais provas de convicção se devem pedir, depois que uma personalidade medica de tanta radicação curado e mostra que o verdadeiro meio para a cura da hernia está descoberto.



Sr. Antonio dos Santos

Entre outros que se curaram com o methodo de Dr. Rice estão Sr. Antonio dos Santos, Travessa, de Froes, 21, 1.ª, Santarém, o qual estava herniado ha cerca de 6 annos (veja a photographia), curado aos 75 annos de idade, o sr. F. Ortega, calle Naba, Belmez P. de Cordoba, Hespanha, curado de uma hernia scrotal de 30 annos e o sr. F. Martão, R. de Taichy n.º 77, Rio Grande do Sul, Brazil, herniado ha 35 annos.

E pois de maior conveniencia que as pessoas de ambos os sexos padecendo de hernia escrivam ao Dr. Rice pedindo uma copia do famoso livro, descrevendo a verdade e o seu methodo de cura de todas as hernias por mais difíceis e graves que sejam. Junto será enviado gratuitamente uma amostra de seu methodo, pois que o seu maior desejo é que todo o paciente d'esta terrivel doença conheça o maravilhoso remedio que cura sem dor e sem perigo, sem operação nem perda de tempo de trabalho. Não esperem mais, escrivam immediatamente.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Desenvolvi e fortaleci o vosso peito

com o meu metodo simples EXCLUSIVAMENTE externo, empregado com muito exito por milhares de senhoras do mundo inteiro

DOUTORES EM MEDICINA muito conhecidos reconhecem os maravilhosos efeitos e o encomendam aos seus clientes

A doçura, o cansaço, bem como as consequencias da maternidade foram a causa da debilidad do meu peito, dos meus hombros ossos e dos ulcos profundos que faziam o meu desespero. Estas desgraças fisicas não feriam somente o meu orgulho de mulher, mas entristeciam ou até me arrebatavam todos os prazeres da vida. Estava privada dos olhares de admiração, aos quaes todas as mulheres são sempre tão sensiveis, mas o peor era que até a minha situação social se resentia d'uma maneira desagradaavel.

meu metodo aos seus clientes reconhecend os bons efeitos.

Teria muito gosto em dar conselhos gratis e discretos a toda a mulher e joven que deseje ter um peito desenvolvido e firme. Um tratamento de 2 a 3 semanas, requerendo somente alguns minutos diarios, pode dar ao



Um peito inanimado antes do tratamento

Um peito desenvolvido depois do meu metodo

As mais elegantes toilettes, trazidas por mim perdiam o seu valor. Experimentava uma grande pena e uma inveja segreda quando via nas ruas, no teatro, nos salões, muitas mulheres, sem vestidas e contudo suas admiradas por causa inculcada das suas linhas graciosas e da redondeza e firmeza dos seus peitos.

Para remediar esta situação, experimentei todos os meios existentes e até segu os conselhos de varios especialistas sem nenhum exito. Os unicos resultados obtidos foram muito dinheiro perdido.

Não quero dizer aqui o que tenho soffrido, nem eu tinha a minha ideia, meu fim, e nada me desanimou para alcança-lo. Depois de mezes de investigações, acabei por descobrir um methodo que experimentei primeiro em mim mesma e que me deu resultados maravilhosos. Animada desde então pelo exito cada vez maior de meu EXUBER BUST DEVELOPER, desejo que toda a pessoa pouco favorecida pela natureza faça um ensaio leal.

Desde que foi descoberto o meu methodo tem dado a milhares de senhoras resultados notaveis n'um prazo de 2 a 3 semanas. Tenho provas escritas do que digo, mas falta-me o espaço para as reproduzir todas. Muitos doutores entre os quaes poderia citar os Drs. CECALDI, DUCHE e TRIFONNOF, recomendam e prescrevem o

primidos, selos, etc.

Sr. A. C., Lisboa, tem visto o seu busto desenvolver-se 17 cm, em 2 d as.

Sr. B. O., Faro, 21 centimetros em 30 dias.

Sr. B. C., Algarve, 14 centimetros em 18 dias.

Sr. D. L., Matanzas, 19 centimetros em 21 dias.

Sr. P. G., Braga, tem visto o seu busto desenvolvido em 30 dias.

Sr. F. D., Rio de Janeiro, em 23 dias.

Sr. C. P., Loulé, em 25 dias.

Se sustento que o meu methodo, que descobri graças a um caso afortunado, é eficaz e infalivel, não é para glorificar-me com elle, mas com o unico fim de dar a conhecer um tratamento racional e higienico ás pessoas que tem empregado inutilmente todos os remedios e que com o meu EXUBER BUST DEVELOPER ficaram maravilhosas dos resultados.

Envio gratuitamente a toda a leitora da Ilustração Portuguesa, que me mande recortado o coupon que vae no fim d'este annuncio, com o nome e endereço, o meio de dar ao busto o desenvolvimento e firmeza desejaveis.

TALÃO GRATIS

para o desenvolvimento e endurecimento dos seios.

As cartas devem ser franqueadas com 5 centavos e endereçadas a Helene Duroy, 674 D., 11, rue de Miromesnil, Paris.—(juntar um selo de 5 centavos a mais para a resposta).

Nome

Endereço

A Igreja e o Estado

Está sendo, neste momento, distribuído e afixado por toda a França o discurso que o deputado Viviani acaba de pronunciar em defesa da secularização da escola. O exito d'esse discurso, que deveria também ser vulgarizado em Portugal, proveio, acima de tudo, da forma eloquente e sincera por que n'ele se evangelisa a tolerância.



Viviani disse ás esquerdas da camara: «A crença em Deus, qualquer que seja a forma por que ela se manifeste, não deve ser objeto de nenhuma baixa injúria; é preciso respeitar todas as crenças e todas as convicções, quando radicam no sentimento ou na razão humana». E concluiu para as direitas:

«Se a Igreja nos traz apenas a sua fé e a sua paz, a bênção para os mortos e a consolação para os vivos,—não podemos deixar de a louvar; mas se nos traz ambições temporarias de governo e de conquista,—temos de a combater.» Entre nós, como por toda a parte, na frase de um grande escritor contemporaneo, «*les croyances religieuses sont comme les vieilles dents: cela branle, mais cela tient.*»

Arte

Se o grau de vitalidade de um paiz podesse legitimamente aferir-se pelo maior ou menor interesse que n'esse paiz despertam as manifestações d'arte,—o atual momento não nos daria razão para um excessivo pes-



simismo. A prova de que uma nova sociedade refeita começa a afirmar os seus interesses intellectuaes e estéticos, está na frequência com que entre nós se veem realizando concertos, exposições e certames d'arte. A ultima semana teve as exposições de

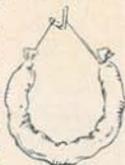
pintura Campas e Battistini; os concertos Blanc, David de Sousa, Benetó, Mantelli, Palhares e Sarti. A ancia de vida, de trabalho e de beleza lateja, fermenta, resplandece a cada canto. E até porque a politica principia a interessar-nos menos,—temos a impressão de que *vivemos* mais...

Charcuterie

A policia apreendeu n'uma casa da rua do



Duque cem kilos de carne em putrefacção destinada a fabricar a mais appetitosa *charcuterie* para o consumo de Lisboa. O furo de enriquecer leva os fornecedores a praticar verdadeiros crimes. O delirio da pan-falsificação tornou-se a característica fundamental das sociedades modernas. Para não morrer envenenado, o consumidor tem necessidade de proceder á organização das suas defezas. Na impossibilidade de montar um laboratorio de análises junto de



cada cosinha ou de cada copa,—o recurso é descomplicar a vida, abolir os alimentos tradicionaes que melhor se prestam á falsificação, proscrever aqueles que mesmo quando não adulterados são hyper-tóxicos, e regressar a uma existencia primitiva, que, sob o pontovista de bromatologico, será tanto mais civilisada quanto mais simples fór.

Literatura

Dois altos funcionarios do ministerio da instrução, honrando o seu talento e o seu cargo, acabam de publicar dois trabalhos notaveis. O dr. João de Barros, no livro *A Republica e a Escola*, fixa em admiraveis paginas de largo ritmo os mais nobres conceitos de pedagogia moderna; o dr. Queiroz Veloso, no seu estudo sobre

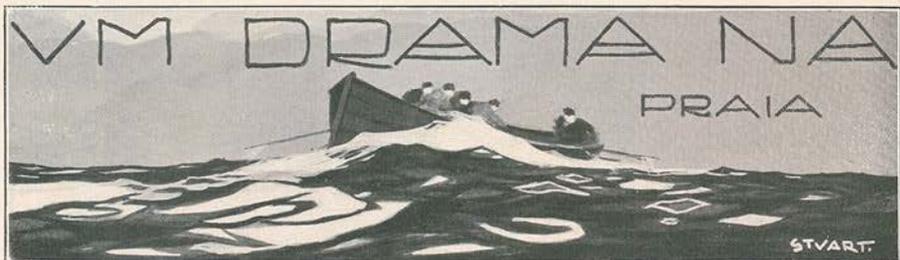


Gil Vicente, documento de uma sólida erudição e de um alto espirito critico, esclarece, comenta e interpreta muitos pontos duvidosos do «problema vicentino».



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Hypolite Collomb)



Nesse dia, os barcos de pesca tinham saído para o largo ao romper d'alva, abrindo as velas ligeiras e brancas como asas de graminhas ao vento frio que soprava das bandas do norte. A essa hora o mar estava banzeiro, rolando nas areias as suas ondas verdes que as espumas franjavam e que a luz hesitante tocava de brilhos metálicos. O espetáculo que a natureza oferecia n'esse momento era admirável de beleza. Do lado do nascente, uma claridade ainda indecisa alvorecia fazendo empalidecer o azul, rosando levemente a crista dos montes e dourando as folhagens das arvores que tremiam à viração. Da terra, que despertava da sua imobilidade noturna, elevava-se, na paz matutina, o ruído alegre e contente da labuta que apenas começava. Já das chaminés d'algumas pobres habitações de pescadores subia, na limpidez da atmosfera, o fumo branco das lareiras acesas, e de vez em quando o som d'uma voz perdida vinha de longe, morrendo na serenidade envolvente em que as coisas repousavam. Do lado do mar, o horizonte era vasto e desafogado e uma água inquieta ondulava a perder de vista, confundindo-se lá muito adiante com o céu sem mancha de nuvem.

Durante longas semanas a invernia fóra aspera e desabrida. A chuva, caindo incessantemente, encharcara tudo como n'um dilúvio: e o temporal bravo varria a costa, bramindo e ululando, sem permitir que os que vivem da rude lide marítima saíssem a lançar as redes. Havia fome em muitas casas onde o pão era escasso e a roupa leve e rota. Crianças de ventres inchados e os dedinhos cheios de feridas, agarravam-se, chorando, às saias das mães, pedindo o magro caldo do almoço: e os paes, tristes e de cachimbo na boca, erravam pela povoação, meditativos, desalentados, com o barrete nas mãos, implorando a Deus, no ardor da sua crença religiosa, clemencia para os desgraçados. Os homens mais edosos, que tinham gasto a sua mocidade enérgica sobre as vagas e que a velhice invalidara para as batalhas, com o oceano em furia, dirigiam-se, em ranchos à cidade, cantando e estendendo a mão enghelada e calejada dos remos, à caridade das pessoas compassivas. Dois a dois, pelas ruas desertas, iam entoando funebremente: — «Bemdito e louvado seja...» e olhando as janelas d'onde caíam algumas moedas de cobre, tilintando nas pedras dos passeios. Os mais robustos, porém, tinham vergonha de mendigar, de oferecer aos olhos ironicos toda a nudez da sua miseria, e levavam os dias monotonos enrodilhados nos gabões, ao canto do borralho, remexendo os brazidos que se pulverisavam em faúlhas d'ouro, como se nos seus lares desabrigados tivesse morrido alguém, além da felicidade! De quando em quando, os choros dos filhos pequeninos e famintos acordavam-nos das suas dolorosas réveries: e então, impacientes, com gestos bruscos, gritavam de mau humor:

— Ou vocês se calam ou trabalha o cajado, grande sucia...

A pacificação restabelecia-se logo e eles, com o sentimento melindrado pela crueldade a que a penuria os obrigava, voltavam a reatar o fio interrompido das suas meditações. Se o mau tempo continuava, Deus de misericordia, como o bando infantil teria de sofrer, com as arcas vazias, o credito exgotado na mercearia, a doenca rondando a porta das suas desgastadas vivendas!... Ao descer da noite vinham para o ar livre, melancolicos, derrotados, cheios de apreensões, olhavam demoradamente as nuvens negras que corriam com velocidade acoutadas, fustigadas pela ventania, desentranhando-se em aguaceiros torrencias, e recolhiam cabisbaixos, abatidos, com uma sombra de afição nos carões requemeados pelos soalheiros, em que apenas os olhos reluziam com um fulgor vivo de febre.

— Continua o inverno! — rosnavam, encolhidos, ao lume que os aquecia.

E havia nas suas palavras a resignação e a amargura de quem se sente incapaz de lutar contra o destino.

Mas, inesperadamente, a tempestade acalmou, um belo sol de gloria surgiu, ardendo nas alturas como uma radiante chama de ouro e a alegria entrou alvoracando-os nos pardeiros desditosos, iluminando-os e levando a esperança às almas angustiadas. Então, os pescadores desceram à praia onde os barcos estavam varados, presos a fortes amarras para que os vagalhões os não arrebatassem, carregando às costas com os apetrechos da pesca, deram uma vista às redes e combinaram a saída para a madrugada do dia seguinte. A tranquillidade do mar, que era chão e liso como um imenso pano de seda que se enruga à aragem, reanimou-os e fez nascer a ilusão nos seus espiritos.

Luiza, casada ha um ano apenas e já com uma criancinha de peito nos braços amorsos, acompanhára até ao barco, como sempre, Jacinto, um rapagão espadado, de face morena, peito amplo e grossos pulsos cabeludos. Jacinto era o seu homem: queria, portanto, estar junto d'ele o mais tempo que pudesse, para ouvir-lhe as ternuras que amoleciam brandamente o seu coração de mulher ingenua, as meigas confidencias, os ardentes protestos da sua adoração. A sua fragilidade feminina tinha, por instinto, a necessidade imperiosa de acolher-se àquela doce força que a protegia e a tornava mais confiante. Por isso mesmo, todas as vezes que ele a deixava para ir ganhar a abundancia, o bem-estar de ambos, seguia-o até à beira-mar, com o coração apertado de angustia, no terror supersticioso de perdê-lo, apreensiva, ralada de consumições intimas. Jacinto pedia-lhe que ficasse junto do filho que dormia inocentemente no seu berço de verga, com um riso indefinível de pureza e de graça celeste na candidez da bocca: mas ela teimava, resistia, terminando por vencer a vontade do marido, orgulhoso de se saber amado com tanta constancia e tanta firmeza. Vestia a toda a pressa o chambre de chi-

ta, enfiava a grosseira saía de tumentos, embocava-se no lenço, punha o mantéu pelas costas, dizendo para Jacinto:

—E' um instantinho. Volto já. A criança está farta de leite e não acorda tão cedo!...

O que Luiza constantemente temia era que ele lhe ficasse pelo mar, n'uma d'essas sortidas audazes, como tinha acontecido com seu pae, que lá morrerá certa noite de luto e de lagrimas, com os dois filhos mais velhos que o auxiliavam na arriscada faina: e, nas horas em que Jacinto se demorava perto d'ela, lembrava-lhe que escolhesse outro modo de vida em chão firme, para lhe dar a certeza de uma longa existencia de ventura e de amor: mas Jacinto, risinhosamente, pousando-lhe a mão espalmada sobre o hombro, acudia:

—O' tola, tanto se morre na terra como no mar. As creaturas quando veem a este mundo, trazem já o seu destino talhado:—e o meu destino é este! Só acaba quem tem os seus dias contados...

E se ella insistia, fitando-o com os seus lindos olhos marejados, o marido interrompia:

—Depois, eu não gosto da terra, sabes? Criado desde canalha no mar, aos boleus pelos barcos, não posso tragar essa terra, que ha de comer a nossa carne, quando morrerem, com os seus bichos e a sua podridão!... Que nojo! Aquilo, sobre as aguas, é outra coisa. Tu não fazes ideia!

—Ah! que não sei o que me diz o coração, Jacinto!—confessava ella, na praia, antes do embarque, estreitando-o num abraço affetivo.

—Ora, o que ha de ser!...—atalhava Jacinto comovido. Diz-te que lá para a noitinha estou de volta a casa, com um dia bem ganho!

—O Senhor te escute, meu homem!—gemia ella, enxugando á manga do chabre, as lagrimas rebeldes da sua comocão.

—Pois não escuta?... Socega e vae para onde o nosso filho, que a estas horas te espera, o guloso... Até logo!

Saltou para o barco, que era o «Deus te guie», pegou no remo com os outros companheiros.

—Alá!—exclamou o arraes.

—Adeus, Luiza—bradou Jacinto, já de longe, remando a toda a força dos musculos e vergando do dorso arquejante para a frente.

Pouco tempo depois, já os bateis andavam muito afastados da costa, de vela enfundada, du-bios pontos escuros que uma mancha branca sublinhasse. O disco afogueado do sol descendia, numa vitoriosa explosão de luz, por detraz das montanhas, espalhando tintas imateriaes; cõr de rosa e ouro, pela paisagem ainda entorpecida pelo silencio e pela frialdade da noite. O dia era dumha beleza triumphal, espiritualmente as formas e as cenografias naturaes com a benção da sua claridade maravilhosa. De tarde, porém, o vento começou a soprar rijamente do sudoeste e d'ahi a momentos massas compactas de nu-



Para a animar, despertando no sentimento de Luiza uma admiração equal á sua pelo oceano, entregava se a descritivas maravilhosas, na sua linguagem barbara e poderosamente expressiva:

—Ha noites, sobretudo de verão, em que o mar arde todo, como um descampado de fogo. As estrelas do ceu não são mesmo nada comparadas com essa fogueira enorme que rodeia de linguas de lume os nossos barcos, na escuridão. Faz gosto ficar uma pessoa sentada e de remo erguido, enquanto se fuma uma cachimada, a vêr todo esse fogueareu, que nem alumia nem queima. Onde é que tu já viste isto em terra?...

—Pois sim, mas ha as voltas traiçoeriras, os perigos, as tormentas. Todos os anos os homens por lá se afogam aos centos...

—E aqui, em chão duro, não se morre?

—Morre!...—respondia Luiza, vencida.

—Pois se a morte é lei de Deus, que havemos nós de fazer?

Apesar d'estas razões, o temor de Luiza nunca se dissipou, e vivia num constante tormento sempre que Jacinto andava na pesca, sobre esse mar inclemente e feroz, que matava sem se lembrar das orfandades humildes, da viuvez abandonada, do sofrimento e da dôr profunda dos que ficavam sem o braço resistente a que se amparavam. Nessa madrugada, então, as apreensões de Luiza eram mais penosas que de costume.

vens toldavam a atmosfera, galopando com furia no espaço. Picadas pela ventania agreste, as vagas levantavam-se numa colera subita que comunicou a incerteza e o pavor ás familias dos pescadores. Ondas colossaes, movediças serranias liquidas, espumando e rouquejando, vinham do mar profundo enovelando-se vertiginosamente e estourando, sonoras e terríveis, contra as penedias, galgando aos ares e desdabrando-se em lençoes de agua. Então, foi em toda a povoação piscatoria um terror supersticioso. Os barcos, saídos logo ao desabrochar da flor da luz diurna, ainda não tinham entrado. A tormenta inesperada colhera-os, desprevenidos, a grande distancia de todo o socorro humano, Virgem Santissima. O que ia ser d'eles? Em bandos lacrimosos e destruçoados, as mulheres correram á praia, apertando os chailes contra os seios, desgrenhadas, lamentosas, gemendo os seus queixumes, rugindo as suas blasfemias contra esse mar de traiçoens que lhes dava o pão mas que, em troca, continuamente lhes roubava os maridos e os filhos. Era uma cena, grega pela cõr, pelo movimento, pela fatalidade que d'ela impetuosamente resaltava. Mãos trandias e suplicantes estendiam-se, tremulas, para o oceano, ameaçando e implorando.

—Dá-nos os nossos homens!—pediam vozes affitas em altos brados!

Algumas das mulheres, julgando talvez que o mar tinha uma consciencia e um entendimento,

dialogavam com ele, insultando-o ou tentando, em vão, comovel-o. Corpos, prostrados, de pobres velhas, arquejavam estendidos sobre as areias. Ouviam-se orações, meiguices, faziam-se promessas:

— Se Nossa Senhora da Guia me trouxer os meus a porto de salvamento, hei de dar nove voltas, de joelhos, á volta da sua capela!

— Levarei á Senhora da Boa Nova, para a alumi- ar, no dia da sua festa, uma véla da minha altura!

A vozeria humana, casando-se com o ruído sinistro das vagas, era ensurdecedora: e as mascaradas dos seres conscientes, de estupenda mobilidade de linhas fisionomicas, tinham uma expressão singular e intensamente impressiva. Toda a vitalidade d'essa gente parecia concentrar-se nos olhos, que fulguravam como brazas. Ancio- samente, todas as vistas espriavam o horizonte, sob o dorso babado das ondas, na esperança de descortinarem batel em risco, ou ponto branco de velame que aquietasse as agitações.

— Nada se vê! — dizia-se a cada momento. — Ninguém se salva, Nossa Senhora!...

— Que Deus o traga! Que a Virgem o não desampare! — exclamou Luiza. — E' o meu ho- mem que vem n'ele! Milagre, milagre!

O povoleu aproximou-se mais do mar, agar- rando-se aos rochedos e bradando:

— Ele salva-se! Ele salva-se!...

E como se quizessem dar coragem aos tripu- lantes, muitas vozes berravam ao mesmo tempo:

— Força, rapazes!... Mais um bocado de ani- mo!

O Deus te guie, agora, estava já perto e tão perto que se ouviam nitidamente as palavras dos que o governavam e as ordens do arraes, que vinha ao leme.

— O' mar, tem piedade! Poupa as vidas dos que precisam de trabalhar!...

Luiza, que se metera afoitamente na agua, segurando o filho ao cólo, barafustava:

— Não esmoreças, Jacinto! Olha teu filho, que é tão pequenino e inocente!...

Subitamente, porém, uma volta de mar, apa- nhando o barco de revez, voltou-o, e os pesca- deres mergulharam nas ondas. A violência da marezia aremessou Jacinto contra as pedras,



E um côro lugubre de soluços e de gritos, de pragas e de exclamações, rompia exacerbando mais o cuidado das almas. Do alto d'uma ro- cha, Luiza, com o filho ao cólo, assistia aterrada áquele desordenado, tumultuoso espetáculo, pa- lida, com a morte no coração. O seu presenti- mento transformára-se n'uma realidade amarga.

— Mãe de misericórdia, Mãe de misericórdia! — soluçava ela, apertando a criança contra o seio palpitante. Estás sem pai, meu amor!...

Restava-lhe ainda uma ilusão! Pensava que, surpreendidos no alto mar pela tempestade, os pescadores pódessem chegar ao abrigo da terra, em qualquer sitio da costa mais acessível, ou que fossem recolhidos por algum vapor que os encontrasse á mercê das aguas embravecidas. Mas, de repente, alguém bradou:

— La vem um barco!...

Luiza reparou, afirmando-se melhor, e houve um instante de jubilo no seu padecimento.

Reconhecera Deus te guie, que lutava com desespero contra as vagas quebrando-se ruidosa- mente nos seus madeiramentos, inundando-o, e que avançava com lentidão para terra,

fendendo-lhe o cráneo e matando-o instantanea- mente, sob o olhar pavidó de espanto e de angus- tia de Luiza, emudecida, petrificada. O ca- daver, que ficara entalado entre as penhas, foi trazido para terra. Da funda brecha aberta pela pancada, jorrava o sangue em borbotões. Luiza, desvaída, curvou-se, com o filho de mama nos braços, sobre o corpo inerte, beijan- do n'um delírio a sua face que arrefecia e mur- murando, como se Jacinto pudesse ouvi-la:

— Não me enganava, não me enganava, meu homem! Nunca mais me tornas a vêr!

Quizeram levantar-a, mas ela pediu:

— Deixem-me morrer aqui, que já não sou precisa no mundo!...

Teve um delíquo, a vista turvou-se-lhe, e caiu desfalecida sobre o marido, banhando-se, com a criança, no sangue generoso que ani- mára uma vida pura e tão sem sorte! Então, outras mulheres, talvez viúvas também n'esse momento, ergueram-n'a, conduzindo-a inanima- da para o casebre onde não tornaria a florir a rosa da ventura!...

JOÃO GRAVE.

VIGO

A Galiza já não é hoje a terra que tantos seculos andou amesquinhada na tradição, não só em Portugal, como na propria Hespanha. Nenhuma outra provincia hespanhola sofreu tanto sob a influencia sufocante do feudalismo, que tornou aquella gente acanhada, timida, matando-lhe toda a iniciativa e infundindo-lhe a desconfiança do proprio valor. Tem lhe custado a integrar-se na civilização peninsular, mas essa integração é hoje um facto que ninguem de boa fé lhe pôde contestar. A expressão desdenhosa: *He sido tratado como si fuera gallego*, se ainda anda n'algumas bocas orgulhosas, não tem hoje a menor razão de subsistir. Chama-se *galego* a um homem como se chama *andaluz*, *atalão*, *minhoto* ou *algarvio*. Mas chamar-lhe *gallego*, como um epiteto deprimente de atrasado, inculto, ou grosseiro, é, a maior, a mais revoltante das injustiças.



Graças ao seu trabalho intelligente, espirito economico e vontade de ferro, o galego tem hoje o seu territorio tão valorisado, que faz vergonha ao nosso em todas as especies de cultura, oferecendo os seus dominios florestaes um verdadeiro contraste de riqueza e de boa administração sobre

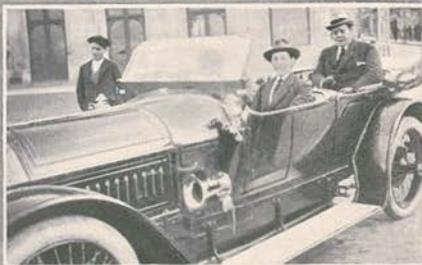
os nossos.

O galego fez de Vigo uma cidade moderna confortavel, higienica, eminentemente comercial, como em Hespanha não haverá muitas e em Portugal só ha duas superiores a ella. O viajante sente-se all bem em hotéis magníficos, como o *Continental* e outros; não lhe faltam teatros, cafés, cervejarias e vastos clubs, vendo-se n'estes o bom gosto e elegancia da primeira sociedade de Vigo. E é tão hospitaleira, tão bondosa, tão sociavel aquella gente que o emigrado politico portuguez confessa-se-lhe preso por carinhos que só poderia encontrar na terra patria.



1. Um trecho da bahia de Vigo.—2. Esperando o «Cap Trafalgar»

Os mercados de Vigo são abundantíssimos em todos os generos. Peixe como ali não se encontra'outra parte. Os navios, que lhe frequentam o porto n'um movimento pasmoso, abastecem



O distinto escritor e antigo secretario de legação sr. Faria Machado em Vigo

se com facilidade de tudo o que lhes é preciso sem terem que prevenir com muita antecipação. D'ano para ano são notaveis os seus progressos e, se tivessem os estudos comparativos



Passeando no Caes



A rua do Principe



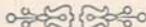
Instantaneo no caes de Vigo tirado á passagem dos srs. Helmiro Vasques Vidal, José Calado Branco Brito e Augusto Camilo da Costa, que acompanharam Homero de Lencastre na sua retirada para a Galiza, sendo o primeiro e o terceiro ex-guardas da policia do Porto.



1. Ribeira de Berbés

dos da Europa. De 320 que lhe saíram de Vigo no *Cap Trafalgar* em 14 do mez passado, 276 sabiam lêr e escrever; de 280 que o mesmo paquete levou de Portugal, não haviam passado pela escola mais de 90!

E chamem-lhes gallegos por desprezo!... E' a mais revoltante das injustiças. F.



bem feitos, como todos aqueles de que os povos hão de tirar os melhores ensinamentos economicos, veriamos que o desenvolvimento de Vigo tem afetado um tanto os nossos portos.

A's qualidades de sofredor e resistente o habitante da Galiza junta hoje a de um lutador, a de um concorrente respeitavel, quer na península, quer no Brazil. O seu emigrante é um dos melhor prepara-



2. Banco de Hespanha



3. Hotel Continental, d'onde se disfruta o belo panorama da Bahia de Vigo.—4. Perto dos emigrantes que esperavam no caes de Vigo o «Cap Trafalgar», passa o sr. Homero de Lencastre, em volta de cujo nome se levantou na imprensa tão acalorada discussão («Clichés» de Benoliel)



SERENATA DE COIMBRA

Vai embalando a cidade
o luar da lua-cheia.
Silêncio! — a voz da Saudade
na voz dos fados ondeia...

Vibram longe, ao desafio,
guitarras e corações,
e as águas vão pelo rio
a desfiar ilusões...

Vai passando a Serenata,
a rua é branca e deserta.
Guitarras, cordas de prata,
— cautela... — alguém que desperta...

Janela aberta, é assim,
aberta de par em par,
que alguma paixão sem fim
se vai agora gerar.

E a Serenata passando
deixa no ar vibrações.
Raparigas! até quando
desfolhareis ilusões?

Que o cantar da Mocidade
é como a voz da seréia...
E o amor, a eterna Saudade,
o coração vos enleia...

José Monteiro.

A morte do poeta Mistral

Mistral, o poeta da Provença da luz, do sol, dos ruidosos tamborinarios, evocador dos velhos circos d'Arles, das touradas e das alegres canções, morreu velhinho no contacto da natureza da sua querida e iluminada terra.

Jamais um dialeto teve tanto as honras d'idioma como o provençal em que Frederico Mistral escreveu a sua obra prima, essa adoravel *Mireille* da terra onde o povo canta:

O' Magali matainto aimado
Viene lesta au fenestroum
Viene escuta un pau aubado
De tambourin! e violum

Daudet meteu na sua *Safo* esses versos sublimes que o povo canta nas grandes festas



O grande poeta Frederico Mistral

em que esvoaçam as fitas, e as toucas dos arlesianas branquejam á luz crua.

Mistral foi o sublime poeta d'essa raça, o homem venerado por toda a Europa e por todo o mundo culto.

O grande poeta faleceu com 84 anos na sua casinha de Mailane.

O seu ultimo livro chama-se *Olivades* e é uma obra prima.

Desenvolveu o Museu d'Arles com o produto do premio Nobel que lhe coube em 1904 e todas as suas tendencias foram para levantar a sua Provença querida á qual conseguiu dar o seu antigo brilho e esplendor.



A casa onde Mistral escreveu a sua obra prima «Mireille»

(«Clichés» Archives des Miróh—Photos).

Veneza

(NOTAS DE VIAGEM)

Algumas dezenas de artistas fizeram a reputação de Veneza ou, melhor dizendo, a sua popularidade. Se o nome da cidade dos Doges evoca por si só uma impressão de beleza lírica, não é—podem crê-lo—porque os milhares de viajantes que lá circulam, se possam comprazer em divulgar *urbi e orbi* o seu encanto. Esses milhares de viajantes leram ou ouviram dizer que, á beira do Adriatico, existe uma cidade d'arte, banhada pelo mar; que as suas ruas são d'agua e sobre essa agua, que se imagina d'um azul sem mancha, se reflete a arquitetura de sonho de não sei quantos palacios encantados. De noite, sobre as aguas dormentes, gondolas de misterio, almofadadas de brocados raros, embalam pares de namorados. (D'Annunzio corre vulgarizado pelo mundo). Sobre as aguas da

berto de um pano negro e roto, que tem um pouco, no estilo e nos adornos, o ar de um carro de defunto, dos defuntos modestos da nossa terra,—uma surpresa quieta o assalta e ele murmura: «E' isto uma gondola?»

E a gondola (porque é bem aquilo uma gondola) parte sobre uma agua pardacenta que, quando o céu é lindo, teima em não refletir a cor do céu. E' o Grande Canal; mas d'um lado e do outro ha casas pobres que se diriam sem ninguém; e o viajante lembra se de já ter visto aquilo na



Giudeca desmaiam Duses. E no silencio da noite ouve-se o chapinhar dos remos e as vozes dos gondoleiros que endereçam á lua enorme e roçagante as ternas melodias do paiz. Veneza! Esse nome tem para uns ou outros um sabor de lua de mel ou de peccado.

... E quando o viajante, saindo d'uma gare pobre, vae, conduzido pelo corredor de hotel, até um barco sujo com um casinhoto velho forrado de coiros sordidos e co-



sua terra uma vez em que o rio trasbordando, inundou os bairros ribeirinhos. Os palacios devem ainda estar longe... Um barco vem cheio de moveis velhos; é uma mudança. Outro passa, carregado de legumes, de volta ao caminho do mercado. E os namorados?

Naquela outra gondola? Não; bem ao contrario: E' um par alemão cõr de *roast-beef*: Ela mergulha as lunetas no Biederker; ele olha para um lado e para o outro,

1. Praça e Basilica de S. Marcos
(«Cliché» Alutari)

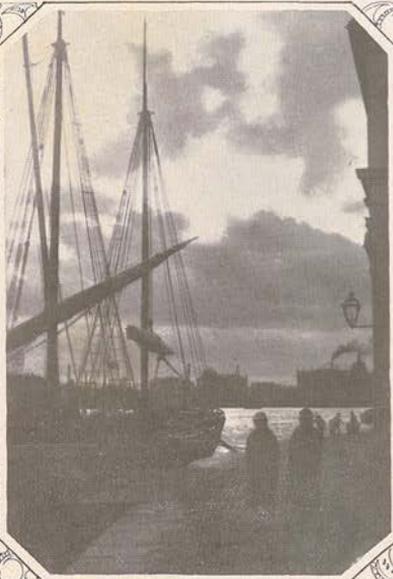
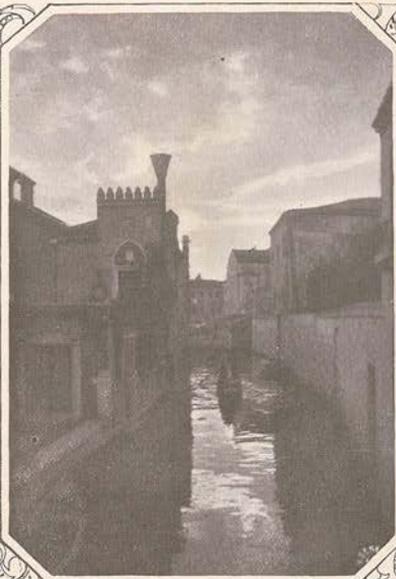
2. Uma gondola particular
(«Cliché» Paulo Osorio)

agitando no ar calmo a peninha verde do chapéu...

Devagar, a gondola faz uma curva e, abandonando a laguna larga, envereda pelos pequenos

canais, entre casas decrepitas, através de pontes e pontes sobre as quaes passa uma multidão de mendigos. A agua então é um liquido negro onde boiam

mas, baixinho, vae murmurando maldições em que se misturam, n'uma *pêle-mêle* de rancôr, os nomes celebres. Byron, madame de Stael, Goethe, Gautier, Taine, Alfred de Musset. E, com



1. Uma rua de Veneza («Cliché» Geverini)—2. Canal de Giudecca («Cliché» Geverini)
3. Canal Grande (à esquerda a casa onde habitou a Duse («Cliché» P. Osorio))



S. Giorgio de manhã.

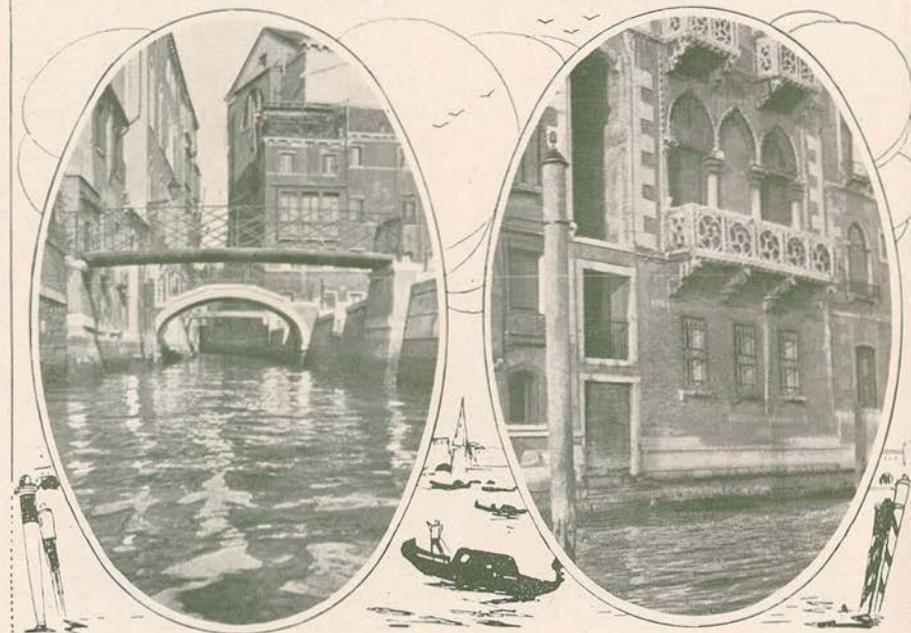
o espirito pos'tivista do seculo, o viajante conclue, enojado e convencido:

—Foi o dono d'algum hotel que lhes pagou.

Não foram esses viajantes que fizeram o renome de Veneza porque, ao conhecê-la, eles sofreram uma desilusão. E quantos não teriam prefe-

rido evitar a jornada, adquirindo como homenagem á terra de Otelo, a copia d'um Ziem, que é bonito e não cheira, ficando-se mais uns dias a passear de electrico em Milão.

Porque o encanto incomparavel d'essa Veneza de sonho que não tem igual na Terra, não se impõe aos olhos do viajante, seja ele qual fór, como



2. Uma rua.—3. A casa de Desdemona.—(«Glicês» Paulo Osorio)



A «piazetta», o palácio dos doges, a Campanilla, a prisão. A' esquerda, o palácio real (clichê Naya).

o das ruínas romanas, ou o da bahia de Nápoles ou ainda o do *Viale dei Colli* em Florença. Ele é d'uma natureza mais delicada, mais íntima; demanda uma sensibilidade mais fina; reside na alma das coisas mais do que na sua forma exterior. Veneza dá-nos o prazer infinito de a descobrir aos poucos, á medida que a vamos interpretando e que começamos a interrogar com amorosa ansiedade o que nos resta incompreendido. Então essas gondolas negras atraem-nos como ao opímano o templo do seu vício, das sombras d'esses estreitos canaes, dos brados dos gondoleiros, que cortam o silencio da noite como uma estrela cadente a magestade placida do céu, das silhuetas dos velhos palácios, de tudo isso nós vamos aos poucos criando para o nosso espirito um mundo todo novo, inedito, onde tudo é diferente do que até ahí tínhamos conhecido e onde os proprios sonhos se transviam para paraísos que não eram os da nossa fé.

Então vem-nos o *touriste* dizer: «cheira aqui mal»; e o homem moderno: «falta-nos a civilização, com os seus automoveis, os seus *tramways*, as suas equipagens»; e o arquiteto: «olhe n'esse palácio dos Doges a heresia estetica d'um muro pleno sobre colunas!» E nós

respondemos ao *touriste*, ao arquiteto e ao homem do mundo:—«Pois sim, meus senhores, tudo isso serão defeitos em outra parte: aqui não. Aqui tudo é bem. Este mundo é outro, as suas regras são outras: as regras da vida, as regras d'arte». E depois chamando á parte o arquiteto:—«Veja esse mesmo paço dos Doges agora que a lua em cheio ilumina os seus marmores; veja essa Ponte dos Suspiros, situada, como dizia Byron, entre um palácio e uma prisão. Tudo

isso é um desafio ás regras escolasticas como essa praça de S. Marcos d'uma assimetria que muitos não suspeitam. Mas tudo isso é belo; tudo isso tem alma; tudo isso vive em nós. E, do outro lado essa *Isola di S. Giorgio Maggiore* obscurecida agora á noite pela sombra do luar. E' preciso vê-la, á luz da aurora, quando a neblina envolve a sua silhueta cobrindo-a como d'um veu de noiva sobre as aguas do mar.

Em Veneza as verdadeiras ruas, acima do nivel do mar, são menos largas que um passeio dos *boulevards* de Paris. Nem seria preciso que fosse m mais amplas, porque se destinam unicamente a peões. Em Veneza não ha carros d'especie alguma. A quasi to-



Ponte dos suspiros

(clichê P. Osorio).

talidade dos seus habitantes nunca em sua vida viu um automovel. Um automovel? Nem uma typôia, nem um cavallo sequer. Além d'essas ruas estreitissimas e dos canaes, ha algumas praças e entre ellas a de SS. Giovanni e Paolo onde se admira a bela estatua equestre de Colleoni, Mas grande praça digna

neza floresceu no seu maximo esplendor.

E' essa historia, são essas influencias que explicam o que de caracteristico existe em Venezia fóra da originalidade da sua situação natural. Elas fazem-na uma cidade á parte entre as cidades d'Italia: pelo caracter dos seus habitantes, pela maneira de viver, e especialmente pelas diversas manifestações da sua arte. Bellini, Barbarelli, Ticiano, Veronese, Tintoretto não se parecem com os romanos nem com os florentinos. Eles são os obreiros magnificos d'essa arte de imaginação voluptuosa e colorido ardente que não tem rival em toda a Italia.

Na Sala del *Maggior Consiglio*, do Palacio dos Doges, deante dos quadros que comemoram a epopeia de Venezia, o guia que me acompanhava disse-me com orgulho:

«Eu tenho um filho tenente que tambem foi ferido na Tripolitana». *Tambem!* Como os seus antepassados em Lepanto combatendo e vencendo os mesmos turcos.

Eu senti nas palavras d'esse veneziano a fé no resurgimento da sua patria e a alegria de

dar o sangue de seu filho para a desforra de agravos velhos de mais de um seculo.

E foi como se n'um brusco tinir de espada um clamór de guerra chegasse aos meus ouvidos n'essa terra de paz.

Paris, março de 1914.

PAULO OSORIO.

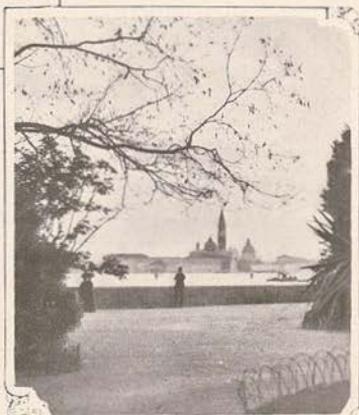


Ponte della Paglia

(«Cliché» P. Osorio).

verdadeiramente d'esse nome é a de S. Marcos.

Essa praça pavimentada toda ela de marmore e de traquite, com as suas Procuradorias, a torre reconstruida da *Campanilla*, e essa egreja de S. Marcos d'um tão sumptuoso, tão imprevisito e tão opulento aspeto, diz-nos toda a historia gloriosa de Venezia. Essa egreja maravilhosa, com as suas cinco abobadas bisantinas recorda que Venezia foi outr'ora senhora do Oriente, que de Constantinopla á Asia Menor se estendeu o seu imperio de conquista, que o Peloponeso, Chypre, Brescia, Verona e Bergamo lhe pertenceram, que as suas galeras de guerra dominaram o Mediterraneo, que o seu commercio foi o mais prospero do Universo. A riqueza d'essa basilica, a sua forma, os seus adornos são filhos da conceção d'arte que os conquistadores do Oriente trouxeram das terras conquistadas. As adições goticas da fachada marcam o gosto da epoca em que Ve-



2. Venezia. Jardins publicos

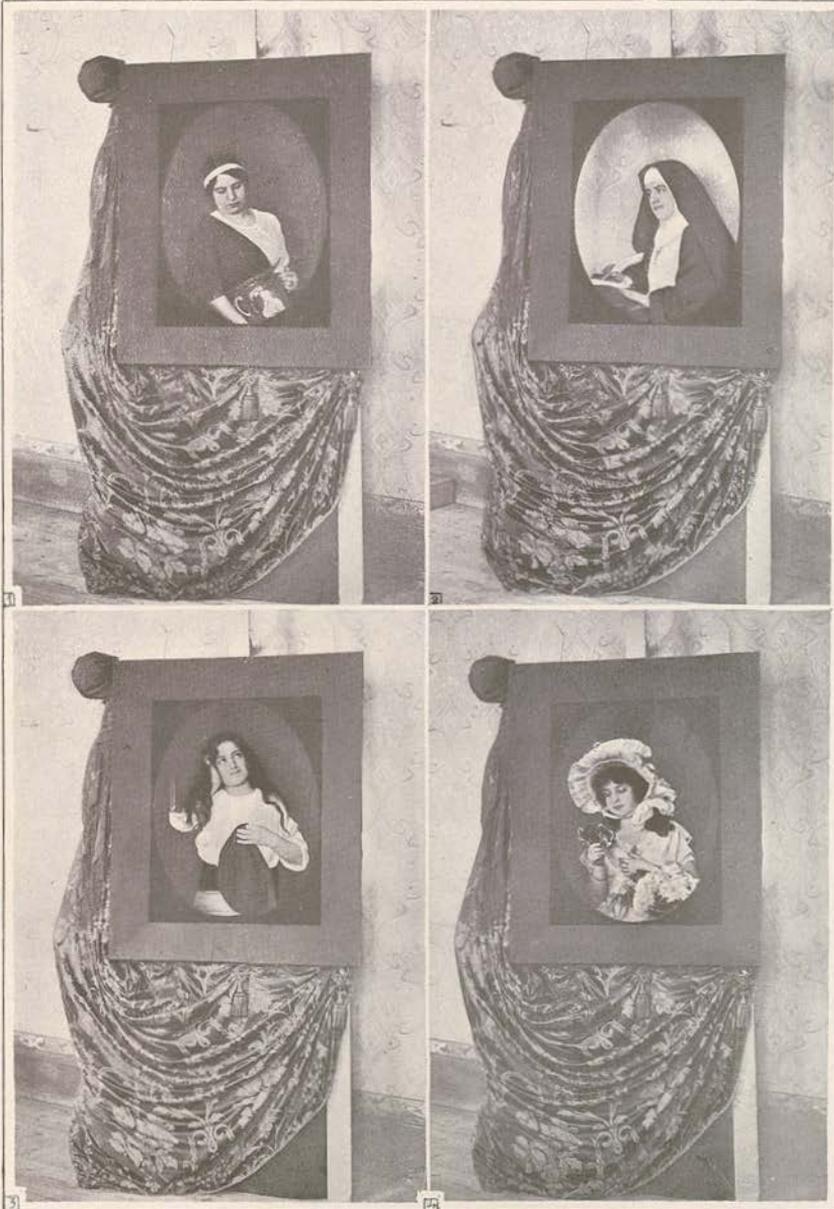
(«Cliché» Geverine).

3. Palacio Foscari

(«Cliché» P. Osorio).



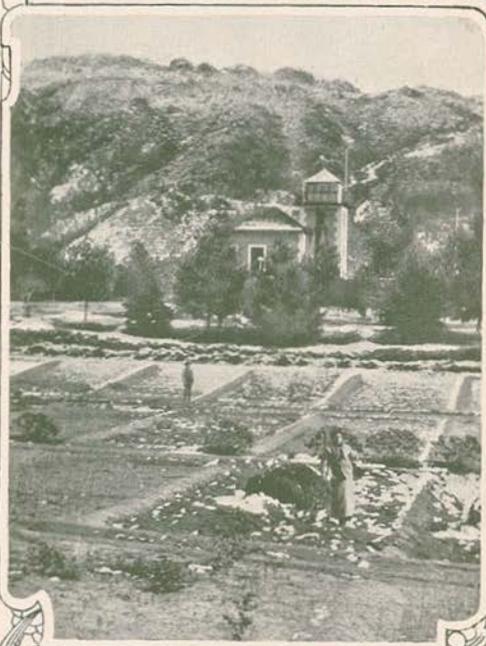
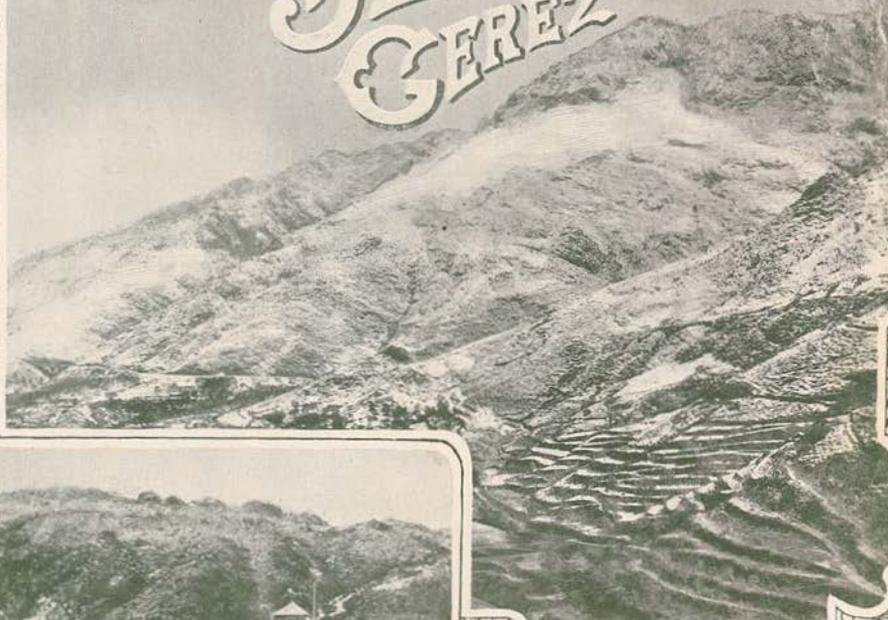
Os «quadros vivos» no Club Moderno



1. «Meditação», pela sr.^a D. Carmo Pirão.—2. «Soror Mariana», pela sr.^a D. Lia Pequito.
3. «Mendigas», pela sr.^a D. Leticia d'Abreu.—4. «Florista», pela sr.^a D. Olimpia Bastos.

(Clichés de Garcez).

SERRA DO GEREZ



O viveiro florestal coberto de neve
(*Clichê do distinto fotógrafo amador sr. dr. Fernando Santos)

JANEIRO—Gleiro: não deve molhar o ralo ao gato.
FEVEREIRO—Febras de neve e não de messe.
MARÇO—Pelarço.

(Sabedoria popular da serra)

O frio impiedosamente agreste d'estes fins de março, quando a primavera começa

A serra coberta de neve

a reclamar os seus direitos, veio outra vez arrancar ao arrumo, que parecia querer ser definitivo, todo o arsenal de resguardos, com que no inverno os corpos se couraçam.

Desde que o seio da terra começa a fabricar o calor que gera a vida, as mais apressadas arvores entram a marcar pelas encostas alegres notas de fantasia e de cor.

São as mimosas e são as australianas em flor; é o pecegueiro e a cerdeira a prometerem os opimos e deliciosos frutos; são a carqueja e o tojo, a giesta e as urzes a matizarem de variadas manchas o escuro das penedias da serra; é todo um despertar de seiva e de polen a oferecer-se em festivo banquete às legiões de abelhas, que os primeiros raios de sol aqueçam no seu recolhido aconchego, para lhes dizerem que é a faina que ahí vem e que é preciso dar rumo à vida...

Nas arvores retardatorias começam a entumescer, como fartos peitos, os gómos da ramaria; é mais vivo nos campos o verde das pastagens e sobre as nossas cabeças perpassam, cortando os ares os noivados das primeiras borboletas. É certo que ainda ao pleno ar nos fustiga de vez em quando a fria nortada e a chuva fria e que também ainda toda a serra se ri n'um riso alegre, quando o sol se abre, para nos saudar com a sua respeitável e branca cabeleira de velha, como que a prevenir, que se não dissolvaram de todo as suas ultimas farripas.

A serra... a neve...

A neve cobrindo a montanha, oferece seguramente um dos mais empol-

gantes panoramas que pôde ser dado admirar; a quietação, o socego e a paz dos montes; os efeitos do sol e da luz sobre o amplo e macio tapete que se estende, enternecem e cativam e prendem a creatura a um incondicional respeito.

O ar frio e seco dá energias novas e os peitos oprimidos abrem-se em respirações agradecidas ao tónico que os vem revigorar.

Mas não haja duvidas de que, apesar de tudo, a primavera deu os primeiros rebates e vem ahí a natureza para reclamar os seus direitos; as primeiras folhas dos velhos carvalhos da floresta sacudirão para longe as ultimas febras de neve, que aos poucos irão levadas do seio das ravinas, cantando pelas cascatas, até ao coração das grandes aguas, em que se irão amoravelmente fundir.

Razão tem pois a filosofia popular da serra ao pôr na boca dos seus gados—no tempo em que os animaes falavam—:

MARÇO—Onde quer eu pasto;

ABRIL—Abre a porta e deixa-me tr...

Sim: é a fartura que vai chegando; são novos atrativos e encantos novos, mas é bom dizer aos cidadãos da beira-mar e dos vales que na serra o inverno tem tambem os seus encantos, tem tambem seus atrativos e que n'esta hora, em que a civilisação anda a levantar por toda a parte altas res ao deus *Tuismo*, em Portugal não faltam magestosos templos naturaes, onde possam vir celebrar os magnos sacerdotes d'aquella religião nova.

E' n'esse numero que o Gerez ocupa inquestionavelmente um lugar de primazia.

TUDE DE M. SOUZA.



1. Em plena neve («Cliché» do sr. Tude de Souza).—2. As Caldas e a serra no inverno

A transladação dos ossos dos filhos de D. João IV



O caixão da rainha d'Inglaterra D. Catarina, irmã de D. Pedro II

Jamais um homem que saiu da desventura para a felicidade tornou mais desgraçada uma mulher que Carlos II d'Inglaterra a sua esposa D. Catarina de Bragança.

Rei sem corôa durante largos anos, sendo com sua mãe e sua irmã quasi um mendigo nas côrtes de França e da Holanda

enquanto Cromwell, depois da decapitação de Carlos I, governava a republica ingleza. Carlos II ao subir novamente ao trono pela força da espada de Monck tornou-se um perdulario e um desvairedo. Quem partilhou com ele o trono tendo da corôa mais os espinhos que os esplendores foi a filha de D. João IV, D. Catarina, irmã d'Afonso VI, vitima do outro irmão Pedro II.

Tanger e Bombaim foram os apagnagios da princeza com dois mi-

lhões de cruzados e os reditos do sal na India concedidos á Inglaterra e que para essa nação sempre ficaram mesmo quando a dissolução da côrte britanica, os maus tratos, as miserias moraes a que assistia e que sofria a levaram a deixar o trono, o marido e a Inglaterra para regressar a Portugal para sempre infelicitada.

Viveu então n'um maior recolhimento no palacio de Alcantara mas dentro em pouco abandonava-o talvez desgostosa do contacto com o irmão usurpador

do trono de Afonso VI e foi residir na Penha de França, no palacio dos condes de Soure e d'ali passou para o actual palacio de Belem

que então pertencia ao conde de Aveiras.

Entretanto ia-se edificando o palacio da Bemposta conforme o seu gosto e no qual devia falecer



O caixão a caminho da igreja

em 1705. O seu cadaver foi depositado junto ao do principe D. Teodosio na capela mór do convento de Belem.

D. Teodosio de Bragança era o primogenito de D. João IV, um principe lido e sabedor que o padre Antonio Vieira exaltava em suas preleções. Comandou os exercitos contra a Hespanha no Alemtejo durante pouco tempo e falecia privando a dinastia nascente das suas luzes e talentos caíndo a sucessão no imbecillido D. Afonso VI.

Tambem n'aquelle mosteiro jazia a princeza D. Joana.

No mesmo lugar ficaram os despojos d'esses principes sendo depois de 1755 trasladados para junto do mausoleu onde se diz estar a ossada de D. Sebastião, o que não se pôde de fórma alguma comprovar podendo-se lhe chamar como o Bandarra: «o moimento das mentiras». Em 1893 ou 1894, procedendo-se ao exame nos caixões, reconheceu-se que tinham sido revolidos encontrando-se mesmo no de D. Catarina bocados de espinha dorsal que não pertenciam a um corpo humano. Novamente foram pregados e selados, sendo lavrado um auto.

Agora o governo da Republica, a instancias da repartição de turismo, ordenou a trasladação dos reaes despojos para o Panteon dos reis em S. Vicente de Fóra, sendo muito simples a cerimonia, a que assistiu com o sr. ministro d'Inglaterra o sr. dr. Bernar dino Machado, presidente do conselho e ministro dos estrangeiros.

Em S. Vicente de Fóra, os caixões foram retirados dos coches negros que os conduziam sendo o de D. Catarina colocado junto do sarcofago de sua mãe, a rainha D. Luisa de Gusmão e do lado oposto ficaram os dos principes.

O sr. ministro d'Inglaterra e o

secretario, da legação o chefe do governo, o director e secretario da repartição de turismo e dois representantes da comissão dos bens ecclesiasticos pegaram ás borlas do caixão que continha os despojos da infeliz filha de D. João IV, tornada esposa de Carlos II, o homem a quem a infelicidade dos seus primeiros



1. A subida para o templo.—2. O chefe do governo e o ministro d'Inglaterra aguardando os caixões á porta de S. Vicente de Fóra onde está o Panteon Real. («Clichés» Benollel).

anos não eninou o caminho para toda a vida.

O governo da Republica, prestando aquella homenagem aos despojos reaes, praticou um ato por todos os motivos digno como o fez notar o «Times» ao descrever a cerimonia da trasladação.

A feira de S. Bento das Pêras em Rio Tinto



res, que mais visam, muitas vezes, a distender as pernas entorpecidas e a desentupir as gargantas, em danças e cantigas, do que a render homenagem comovida e sincera ao santo festejado. Mas osromeiros lá foram, buliçosos, irrequietos, n'uma patuçada interminável, tangendo os varios instrumentos que é de uso empregar em taes funções, a tiracolo os boldriés com os classicos merendeiros.

E' certo que não houve a animação, o arruído, a alaridade das festas de verão; mas atendendo a que nos encontramos ainda a bem dizer no inverno, o começo já não foi mau e faz-nos prever uma proxima epoca estival de grandes entusiasmos e estrepitosos folguedos. E' talvez a cordealidade dimanada do alto, alastrando-se por esse paiz fora, n'uma apaziguação de consciencias que se transforma e se alvoraçad o acordar de velhos costumes!

Assim seja!
S. M.

Apezar de ter persistido o mau tempo, a chuva e o frio perseguindo-nos como se não tivesse fim este rigoroso inverno, a gente do norte é que não quer saberde desgraças, e vá de marchar, aos magotes, em ranchos, alegre e satisfeita, para as primeiras romarias que, com o abrir das primeiras flores, por ahí fora se vão realisando. Não tem que vêr: *les portugais sont toujours gais* e não ha magoas que por muito tempo lhes enublem a alma.

No outro dia, quando se anunciava a entrada de uma hipotetica primavera, que n'outros anos adregava de visitar-nos por alturas do 21 de março, mas de cujo paradeiro ninguem sabe ainda, a população citadina abalou, em copioso numero, até Rio Tinto, e ahí se divertiu ruidosamente no vistoso arraial que lhes proporcionou a primeira romaria d'este ano: o S. Bento das Pêras.

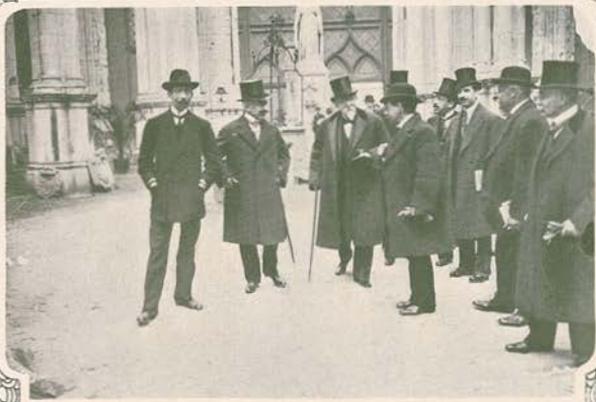
Chovia se Deus a dava, e o frio penetrava, arripiante, até os ossos, parecendo que a Providencia não engraçava muito com estes folga-



1. A compra da louça.—2. Namorados pobres.—3. Namorados ricos.—4. No va-veim da feira.

A exposição Olisiponense

A exposição Olisiponense constituiu um acontecimento digno de nota e uma numerosa concorrencia demonstra como foi apreciavel aquela iniciativa em que teve grande parte o distinto artista sr. José Queiroz, e outros illustres membros da Sociedade dos Arquitectos e Archeologos. Tudo quanto se pode obter referente a Lisboa, ás suas tradições, ao seu passado, ás suas transformações, á sua arte, á sua industria, aos seus aspetos, ali se mostrou em detalhadas secções que por gosto se percorrem detendo-se o visitante dian-



O chefe de Estado no pateo do Museu Archeologico do Carmo falando com o sr. Rosendo Carvalheira. Junto d'elles alguns membros da Sociedade dos Arquitectos e Archeologos.

te d'aquelles mapas, d'aquellas louças, das fotografias, das curiosidades com o maior dos interesses. O chefe do Estado visitou o admiravel certo men mostrandose muito satisfeito por se ter conseguido juntar nas vastas salas do Museu do Carmo as colleções relativas á capital.

Não houve a menor hesitação da parte de particulares em cederem os magnificos e curiosos objetos que atraem todas as atenções e tornam curiosissima essa exposição onde palpita a vida da velha Olisipo.



O chefe de Estado visitando a exposição

(«Clchés» Benöüel).

FIGURAS E FACTOS



1. A sr.^a D. Rosa Barbosa Gesta e o sr. Aurelio Joaquim Pereira d'Andrade, cujo casamento se realisou em Matosinhos, constituindo uma festa verdadeiramente elegante.



Sr.^a D. Leopoldina Alda de Souza Brandão Almeida, esposa do sr. Mario da Cruz Almeida, de Espinho, distinta amadora teatral, vestida à moda do Minho, como cania, com uma graça encantadora, a cançoneta «Os meus patrões» e que brevemente vai a Famalhão tomar parte n'uma recita de caridade



A sr.^a D. Maria do Carmo Josefa Isidora, falecida em Ovar.



4. General Luiz Cliraco d'Oliveira, falecido em Lisboa.—5. A menina Maria José e o pequeno Aires Pinto que na festa da inauguração da Caixa de Credito Agricola entregaram ao sr. Bento Carqueja uma pena de ouro e um bouquet.—6. Costumes de Famalção: A menina Alcina Moreira Pinto, vestida de lavradeira.

Ainda a festa da arvore



1. Em Aveiro: Depois da plantação da arvore («Clichê» do professor sr. Geraldés)—2. Em Aveiro: Depois do «lunch» servido na tarde da plantação da arvore



3. Sr.ª D. Angela Correia da Fonseca, diretora do Colegio Gomes Freire, d'Algés, e que teve uma parte importantissima na festa da arvore n'aquella localidade.—4. Em Paranhos: Srs. 1. Henrique Santana, diretor da Escola Nor-



mal e vereador que representava a Câmara Municipal 2. Sr Francisco Cardoso Junior, diretor da Federação Escolar. 3. Sr. José Soares David, professor da Escola. («Clichês» do distinto amador sr. Alfredo Pereira. 5. Na escola do sexo feminino de Olaria em Ovar depois da plantação da arvore. («Clichê» do distinto amador sr. Ricardo Ribeiro)



1. Em Pinhel: A escolar Alice de C. Pimentel de Matos, momentos antes de se encorporar no cortejo da festa da arvore.—
2. Pinhel: Grupo do professorado e à sua direita o inspeção escolar sr. A. Ladeira, promotores da festa da arvore em Pinhel. (Fots. gentilmente offercidas pelo distinto fotografo amador sr. A. A. da Silva).—3. A festa da arvore em Angra: As alunas da escola de habilitação ao magisterio na festa da arvore.—4. Em Angra: Durante o discurso do agronomo sr. Torres Vouga 5. Plantando a primeira arvore: Uma gingelna garrafal.—6. Foscão: Fotografia tirada após a plantação das arvores no largo da Republica, pelo fotografo amador sr. Antonio Augusto Caldeira.—7. Travassô-Agueda: Depois da festa da arvore (Cliché Tavares)

A exposição Battistini no Salão da "Ilustração Portuguesa,,



O ilustre pintor Leopoldo Battistini instalou a exposição dos seus trabalhos no salão da *Ilustração Portuguesa* constituindo eles um harmonico e apreciavel conjunto digno de toda a atenção que o publico lhe tem dispensado. São esses quadros na sua maioria formosos assuntos onde vive e palpita a mulher com a sua beleza, a sua graça, o seu sorriso, a mulher do povo, a mulher elegante, a mulher burgueza, no trabalho, no salão, no lar. Despreendem-se d'essas telas encantadoras notas que nos fazem demorar durante muito tempo diante d'elas analisando a *coquetterie* pode di-



zer-se, que elas revelam. Aqui é uma mulher que sorriu, uma cara portugueza com os seus olhos negros pestanudos parecendo querer saltar do quadro e viver mais alem um bando alegre d'ovariñas que passa com as



1. Acariciando o Bebê
2. Leopoldo Battistini

gigas levando nos labios rubros pragas e canções, depois são as mães debruçadas sobre os leitos das creancinhas loiras, os olhos doces dos bebês, facesitas rosadas, toda a graça d'uma mulher que com a sua mantilha clara vive no quadro, o ar buliçoso d'uma hespanhola que marca na tela a sua linha donairoza.

Foi a beleza femenina que d'esta vez tentou o artista





Murmuração

cujos trabalhos anteriores tinham alcançado uma merecida atenção e cujo nome fôra retumbantemente, desde as suas primeiras exposições, lançado á publicidade. Quiz e conseguiu impressionar agradavelmente o publico enchendo a sala da *Ilustração Portugueza* de quadros que por um requin-

tado prazer se contemplam.

E são sempre as cenas onde ha rostos portuguezes de raparigas que estão no lavadouro rindo, que vão em barcos cantando ao som d'harmóniuns, que aqui e alem teem o seu ar desolado, mas isso se esquece no meio d'aquella alegria de côr que ilumina a sala onde tem passado tudo quanto Lisboa conta de mais distinto, os mais illustres artistas e apreciadores de pintura assim como os amadores de quadros que teem honrado os trabalhos de Leopoldo Battistini.



Os fadistas

Distintissimo professor das escolas industriais para onde veiu contratado d'Italia tem preenchido os deveres do seu cargo com a maior distincção não deixando jamais de trabalhar nos seus quadros que anteriormente como agora tiveram a mais alta consagração do publico.

Não ha duvida que essa exposicão causou uma impressão favoravel nos que teem seguido a carreira do distinto pintor italiano que ha muito fixou entre nós a sua residencia.



A cantiga

(«Glichs» Benoitel).

O enterro de Ramiro Pinto

O funeral de Ramiro Pinto que foi morto á porta do teatro do Ginasio constituiu uma manifestação dos elementos monarchi-



cos que em grande numero o acompanharam á ultima morada. Diante do jazigo onde ficou depositado falaram varios oradores,



O acompanhamento do feretro de Ramiro Pinto que foi morto á porta do Ginasio no dia do espetáculo de caridade all realiado e cujo produto revertia para os anistiados politicos pobres.



O reverendo Pinheiro Marques falando no cemiterio

O sr. dr. Preto Pacheco, lendo versos á memoria de Ramiro Pinto

tendo o sr. dr. Preto Pacheco l' do alguns versos á memoria do finado.



A urna funeraria. Ao lado esquerdo o sr. dr. Antonio Osorio, ao direito o sr. dr. Cupua e Costa. Ao fundo o sr. governador civil de Lisboa dr. Cassiano Neves. (Clichés de Benoitel)

Figuras e Factos



1 e 2. Os srs. Maurice Lazarus e Joseph Lazarus proprietários da Fotografia Inglesa

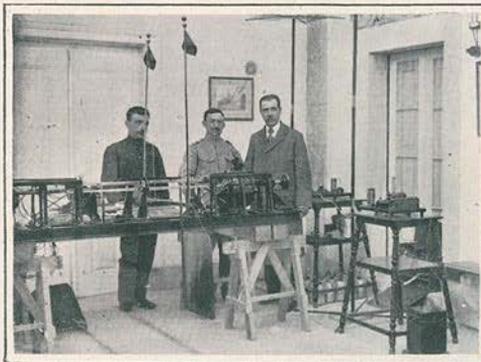


Depois da entrega das credenciaes do novo ministro da Suecia em Lisboa ao chefe do Estado.—(«Clichés de Benollet»)

Os srs. Maurice e Joseph Lazarus são distintísimos fotografos e proprietários da conhecida Fotografia Inglesa que tão belos trabalhos tem patenteado ao publico. Os srs. Lazarus são tambem colaboradores da *Illustração Portuguesa* cujos leitores tem apreciado os seus esplendidos clichés, o ultimo dos quaes foi o do concerto da pianola de Acolian & C.^o com a orquestra dirigida pelo maestro Pedro Blanch.



4. Senador sr. Nunes da Maia, autor da tragedia «Frei João Mocho».—5 e 6. Cenas da tragedia «Fr. João Mocho representada no teatro de S. Carlos pelos estudantes das escolas superiores de Lisboa



Um invento portuguez: a direcção dos torpedos pelas ondas electro-magneticas descoberta do engenheiro capitão sr. Schlappa Monteiro de Carvalho: O capitão sr. Schiappa Monteiro e o seu aparelho—O ministro da guerra saindo do edificio da Penha de França onde se realisaram as experiencias. («Clichés» Benollet)

A Sociedade da Cruz Vermelha tem prestado relevantísimos serviços e tende a desenvolver-se de dia para dia e ainda ultimamente com a inauguração do seu novo posto veiu confirmar a grande vontade dos seus directores em a fazerem progredir.

Ficou esse posto instalado na sobreloja junto á sede da Sociedade sendo o seu ma-



A visita do chefe do Estado á Cruz Vermelha

dade na sua iniciativa pelo que são dignos de todo o elogio.

A' inauguração do posto assistiu o sr. Presidente da Republica.



Os socios da Cruz Vermelha formados no dia da visita do chefe do Estado

terial aperfeiçoadissimo e do ultimo modelo alemão.

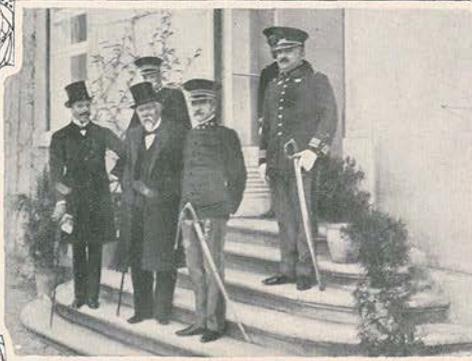
O serviço medico é permanente havendo 47 clinicos que se prestaram a auxiliar a Socie-



Os alunos do Colegio Militar fazendo a continencia ao sr. Presidente da Republica

Realizou-se no Colegio Militar, com a assistencia do chefe do Estado, a distribuição de premios aos alunos, a exposição de trabalhos manuaes e a sessão científica literaria tendo sido tambem feitos varios exercicios ginasticos pelas diversas classes d'aquelle estabelecimento militar.

Os srs. ministro da guerra e da instrução visitaram demoradamente as installações elogiando os trabalhos dos alunos que serão os futuros officiaes do nosso exercito e recebem ali uma completissima educação.



O Chefe de Estado com os ministros da guerra e da instrução no Colegio Militar.
(«Clichés» Benoitel).



TEATRO



1023—CAVALHEIRO RESPEITAVEL FERIAS DO BISPO

Teatro da Republica

O grande ator que é Chaby Pinheiro compoz para a sua recita no Teatro da Republica um programa artistico que admiravelmente serviu para demonstração dos seus notaveis recursos cenicos.

torna jovens, ligeiros, simples, breves, fluentes e cantantes. O grande homem de letras compraz-se n'estes prodigios, em que a sua tecnica poderosa de artista realisa maravilhas de cor e de expressão. O 1023 é uma obra prima—como teatro e como lirismo.

Cavalheiro respeitavel, farça de André Brun, é uma anedocta burgueza colorida, contada, illustrada pela graça endiabrada do comediografo da *Visi-*



As atrizes Jesuina Saraiva e Laura Hirsk e o ator Chaby na peça «Férias do Bispo».



A atriz Jesuina Saraiva e o ator Chaby, na peça «Cavalheiro Respeitavel».

Nada menos de trez figuras curiosas o seu talento levantou e iluminou, n'essa noite, em três peças n'um acto—duas portuguezas e uma estrangeira: o 1023 de Julio Dantas, *Cavalheiro respeitavel* de André Brun e *Férias do Bispo* de Jules Claretie.

O 1023 é um episodio em que o autor gentil da *Ceia dos Cordeões* faz passar, em vinte minutos de ternura, uma humilde, triste, adoravel novelasinha de amor. A historia, tão doce e tão portugueza, é-nos contada em alexandrinos—os velhos e magestos alexandrinos que o talento admiravel do poeta

na do lado—graça em que o riso portuguez e lisboeta se tempera d'um delicioso sal gaullez.

BICHO DO MATO Gavault é, no moderno teatro francez, um grande mestre da comédia de situações e da comédia de caracteres. *L'idée do Françoise*, titulo que o sr. Tito Martins espirituosamente transformou em *Bicho do mato*, é uma peça linda—muito bem equilibrada, terna sem ser dramatica, engraçada sem caricatura, espiritouosa e



O final da peça «1023»



A atriz Palmira Torres, no 3.º acto da peça «Bicho do Mato».



As atrizes Palmira Torres e Albertina d'Oliveira e os atores Augusto de Melo e Carlos Santos no «Bicho de Mato»

elegante. *L'idée do Françoise* tem o cunho pessoal, a marca inconfundível da *Petite Chocolatière*, da *Mademoiselle Josette, ma femme*.

O teatro de Gavault é adoravelmente francez — sem, para isso, necessitar de ser arrebicadamente parisiense. E' esse talvez o segredo do seu mundial triunfo.

O DEPUTADO INDEPENDENTE

Teatro do Ginasio

o riso claro e aberto da velha farça portugueza, todo ele rejuvenesce, desde o publico até aos atores. Dir-se-hia que a alma de Gervasio e a alma do Vale enchem a sala d'uma comunicativa vida de alegria e de expressão.

O *Deputado Independente* dos srs. Chagas Roquete e Alvaro Lima é uma farça — das do desopilante repertorio que fez rir nossos avós e nossos

Ginasio tem a sua tradição do riso. E quando lhe dão o riso, o riso portuguez,



As atrizes Carlota Sande, Albertina d'Oliveira, Maria Pia, Jesulina Motilli e o ator Inacio Peixoto na peça *Bicho de Mato*.

paes. Uma botica, alguns curiosos tipos da provincia, cõr local — e chalaça espumante e viva. O velho Ginasio aplaude — e o publico tambem.

AMOR DE ZINGAROS

Teatro Avenida

Uma opera comica, genero Franz Lehar e do proprio Franz Lehar. E' possivel que haja pessoas que saiam do *Amor de Zingaros*, recordando o seu entreccho — mas ninguem de lá sae sem, no dia seguinte, cantar, assoziar, trautear um compasso, pelo menos, de Franz Lehar — o grande compositor da voluptuosidade em pé de valsa.

A. DE C.



O ator Almeida Cruz e a atriz Etelvina Serra na peça «Amor de Zingaros»



Os atores Telmo e Alegrem e a atriz Maria Matos no «Deputado Independente» (Clichés Benoitel)

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar). Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Sabonete preparado com os saes das Aguas



de **Vizella**

o melhor para a pelle

Sederias **Lucerna**



Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina suissa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr. Vendemos as nossas sedas de so'idez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E 11 (Suissa)
Exportação de sedas.

Bordados **Lucerna**



directamente da Suissa, franco de porte no domicilio.

Vestidos

desde Fr. 11.80

Blusas

desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças

desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suisso, sobre cambraila, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade.

Peçam a nossa collecção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa.

PARA
QUE
VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é *tão facti obier* fortuna, saude, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **ITALO, 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - PARIS.**

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironmancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a \$8000 reis, 28500 e 58000 reis.

COMPANHIA DO PAPEL
DO PRADO

Sociedade anónima
respons. limitada

CAPITAL:

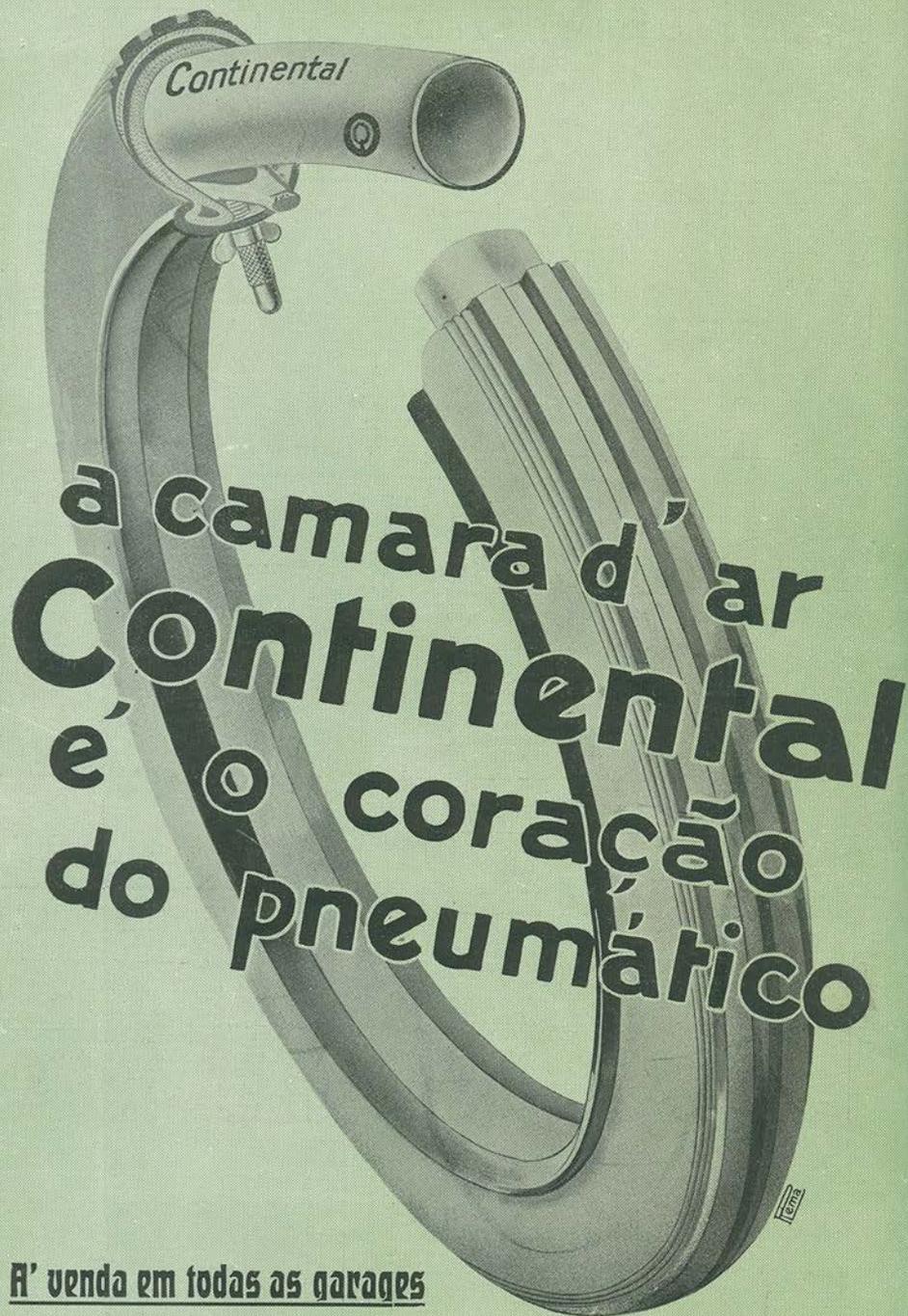
Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e amorti- sação	266.400\$000
Reis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianisa e Sobrelimho (Terra), Penedo e Casal de Hermito (Louza), Vale Alzar (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinizmos mais aperfeccionados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina, continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numero telefonico: Lis-
boa, 605—Porto, 117.



A' venda em todas as garages